

BREVE SUMÁRIO DA MINHA VIDA

Como várias das minhas cartas não chegaram ao destino, resolvi voltar a redigir de novo este assunto sucintamente e sem nenhuma relação cronológica, uma vez que não tenho acesso, de momento, ao meu original.

Tendo deixado Trieste num paquebote austríaco, onde fui contratado como cadete do navio, com a bem-sucedida viagem ao Brasil, lancei âncora na Bahia de Todos-os-Santos e abandonei o serviço de navegação austríaco. Velejei para as Índias Ocidentais e, embarcado num navio espanhol que fazia contrabando, naveguei até a costa sarracena da Guiné. Mais que afortunado neste perigoso e maldito trato, consegui voltar a Cuba depois de cinco meses de viagem, embora de saúde assaz fraca, mas com uma bolsa bem recheada. Os 1.500 reais espanhóis do ganho não seduziram a minha alma, desejosa de continuar os estudos, e pelo contrário serviram como primeiro instrumento para executar os meus antigos projectos: disso paguei as aulas a um insigne professor de náutica durante seis meses. Aperfeiçoada a minha formação, e tendo adquirido os necessários instrumentos para a navegação, embarquei no navio espanhol Albatroz como segundo piloto rumo às Índias Orientais, donde, falecido o capitão, chegou o barco - passando por Sumatra e Java - até a ilha de Madagascar, ancorando na Baía de Antongil. Aqui fiquei doente, a ponto de perder a vida, padecendo de febre amarela. Passageiro dum navio de guerra francês, viajei ao Cabo de Boa Esperança, onde em dois meses de cura a minha saúde fora restabelecida no hospital dos marinheiros. Daqui segui a minha viagem, já como primeiro piloto dum barco português, até o Rio de Janeiro.

Sabendo que nesta cidade morava *József Vámosi*, um compatriota meu, natural de Debrecen, achei boa ideia fazer-lhe uma visita. Fui muito bem recebido por este ilustre patrício, que pelos negócios bem-sucedidos chegou a juntar uma fortuna considerável. O meu amigo Vámosi não tardou em participar-me a notícia de que o ditador da república platina, *D.Manuel Rosas*, dera instruções ao seu ministro aqui residente para que contratasse oficiais para a sua Marinha de Guerra. Vento em popa

e equipado com as cartas de recomendação necessárias e recebidas da parte do meu amigo, cheguei a Buenos Aires, onde graças às cartas de recomendação fui recebido em audiência pelo ditador, o qual, tendo sido informado sobre o meu desejo, agendou um dia para as minhas provas, nas quais, coroado por um êxito maior do que esperava, recebi ao mesmo tempo a minha carta-patente de tenente da Marinha de Guerra e a da cidadania. Meu doce pai, nunca tinha sentido maior alegria na minha vida do que ver resplandecer pela primeira vez a patente militar sobre o galão de ouro no meu ombro, realizando assim o meu sonho acarinhado desde os tempos de adolescente. – Parece redundante aludir ao contexto da sangrenta guerra entre os estados do Rio da Prata e do Uruguai, sendo esta última potência apoiada tanto pela armada inglesa como pela francesa, razão de sair quase em todas as ocasiões vitoriosa no conflito. A flotilha de Buenos Aires no Rio da Prata ficou desbaratada pelo prolongado fogo de artilharia da armada inglesa e francesa, e eu fiquei cativo, nas mãos do inimigo uruguaio, onde o tribunal marcial me sentenciou, juntamente com outros camaradas, à pena de morte, acusado (falsamente) de ter participado no assassinio de cativos de guerra uruguaio. Graças ao depoimento do generoso capitão dum navio de guerra francês – de nome Lainé – que foi testemunha da minha sorte, demostrei ao tribunal a minha inocência, ficando assim absolvido, e podendo até conservar a minha patente de oficial, desde que me compromettesse a não prestar qualquer serviço à bandeira buenairense contra o estado uruguaio durante a sua guerra, o que me levou a despedir-me de Montevideu e voltar ao Rio de Janeiro. Habitado a levar uma vida laboriosa, os dias de ócio acabaram por aborrecer-me ao ponto de me propor a viajar ao coração do continente sul-americano, passando a cordilheira dos Andes, e indagar no país dos *Incas* ou *no Peru* as suas antiguidades. Para realizar este projecto, dirigi-me à sociedade científica de que fazes referência na tua carta, mas fiquei frustrado nos planos de fazer esta viagem dispendiosa. – Com a minha carta-patente de Buenos Aires não pude contar colocar-me ao serviço da marinha de guerra inglesa, francesa ou norte-americana sem perder a minha patente, e como não quis trocar o

cavalo uma vez montado por uma mula, velejei para a costa ocidental de África, onde fui promovido comandante da flotilha do rei negro do Kalabar, *Trudodati Dalaber Almanzor*, servindo esta Majestade durante quase dois anos com o seu total agrado. A minha saude porém foi tão corroída pelo clima mortal, que não pude continuar vivendo aqui sem arriscar uma morte certa. Por esta razão, passadas largas horas fumando juntos o cachimbo, fiquei autorizado a ausentar-me por um período indefinido, e despedi-me e instalei-me uns 15 graus mais a sul, nas colónias portuguesas, a fim de restabelecer a integridade da minha saúde. - Durante a minha presença aqui, tive ocasião de aperceber-me dos grandes lucros que o comércio com o interior africano significava (marfim, borracha, urzela, cera, etc.) e fiquei a saber também por homens experientes de maravilhosas províncias existentes numa planície, a umas 80290 milhas geográficas no interior do país, que tem o melhor e mais salutar dos climas, de povos pagãos valentes, corajosos viajantes e hábeis caçadores de elefantes e que são, por obra da sua alargada rede de comércio, com que comunicam com todos os povos do interior da África, cosmopolitas por natureza, e que tratam bem de todos os forasteiros. Converti as minhas economias - uns dez mil francos - em artigos com que se fazia o trato com o interior. Tendo conhecido e trocado cartas em Benguela com várias companhias de comércio, com a primeira caravana empreendi a minha viagem em 15 de Janeiro de 1849 para o país do Bié, onde cheguei são e salvo em 40 dias, com a firme vontade de construir aqui a minha casa, estabelecendo relações consanguíneas e comerciais com os povos de cá, já que só por este meio é que sou capaz de explorar o interior de África sem apoio estrangeiro. Graças à minha ventura, todos os meus desejos se tornaram realidade. No país do Bié tenho uma casa numa maravilhosa região, chamada Massissi Cuito, sendo que o xerife ou chefe da província, Kajaja-Kajangula, deu-me por mulher uma das suas filhas, cujo casamento, embora não me tenha trazido fortuna em ouro, trouxe-a sim em numerosos escravos armados, todos eles valentes e intrépidos caçadores de elefantes e bons viajantes.

Em 20 de fevereiro de 1850 parti da minha casa acompanhado por 285 homens armados (parte deles os meus próprios escravos) para a caça de elefantes e a exploração do interior de África. Tendo passado por países maiores e menores, por povos mais ferozes ou mais mansos, rios ignorados antes pelos europeus, cujo curso determinei astronomicamente, divagando em várias direcções, cá estou de volta totalmente bem de saúde, onde fui surpreendido, ultrapassando todas as expectativas, não apenas pela tua amável carta, que já mencionei, mas por numerosas outras cartas de amigos brasileiros, bem como jornais do Rio de Janeiro, entre Janeiro de 1850 o fim de Junho, graças ao criador do universo, que me preserva no meio deste país agreste tanto sustento espiritual.

No que diz respeito ao teu desejo de poder receber de cá objectos de raridade, posso responder que poderei mandar abundantes amostras e exemplares do mundo natural, bem como de objectos artesanais não apenas para satisfazer a tua curiosidade e a da tua família, mas também também para o enriquecimento das colecções dos museus nacionais, com a observação de que precisamos juntar certo dinheiro para este objectivo e depositá-lo numa credível companhia comercial de Lisboa, que encarregar-se-ia de receber e depois enviar-vos para Hungria sem falta a tal remessa de raridades, tais como dentes de elefantes, hipopótamos e rinocerontes, peles de leões, tigres, zebras, leopardos e outras espécies, bem como outros objectos do reino animal, a par de armas, tecidos e vestidos artesanais, e utensílios para a agricultura deste povos. Suponho que não seria descabido, seguindo o exemplo de outras nações civilizadas, criar uma pequena sociedade, cujos membros, por meio de suas ofertas, poderiam juntar facilmente o valor necessário para poder realizar este louvável objectivo.

Finalmente, meu doce pai, queria que me escrevesse circunstancialmente se existirão na nossa nação húngara - e não tenho dúvidas a este respeito - ilustres varões entusiastas e de alma e coração entregues à gloria nacional e literatura pátria, que poderiam subsidiar o meu ambicioso projecto de atravessar toda a África Austral, desde a costa ocidental do Oceano Atlântico até

a oriental do Mar Índico. Mande-me uma lista dos nomes destes mecenas, que poderiam com alguma verba apoiar este objectivo, e se possível, informa-os pessoalmente do meu projecto, já que, como patriota que sou, sinto-me obrigado a recorrer primeiro a apoio dos meus compatriotas. Se e enquanto quiser obter o apoio português, posso pedi-lo ao governador-geral destas colónias, e tenho a convicção de o obter a breve trecho, mas neste caso penoso me é constatar que a minha obra não será já húngara, mas sim apenas traduzida, como dum autor estrangeiro. – Peço-te penhoradamente de tomar este assunto pelo seu peso moral e informar-me sobre a viabilidade ou não da sua execução.

A minha família, dado o modo de vida da poligamia (que neste país constitui uma obrigação inevitável, por causa do respeito social, pois, quantas mais mulheres a gente tem, maior influência exercerá na sociedade) é assaz numerosa, e já tenho vários filhos de diferentes mulheres minhas, embora tenha uma esposa principal, Ina-Kullu-Ozoro, filha do xerife de Bié, que te manda as suas respeitadas saudações. Esta minha mulher principal está comigo.

Mando os meus cumprimentos e beijos à tua querida família, pedindo a benção sobre vós com o meu abraço, pedindo ao pai dos céus para preservar a tua tão cara vida por muitos anos em completa alegria: sê feliz e bem-aventurado, não te esquecendo nunca de mim, alegrando-me eu com notícias tuas, o mais frequentes possível. Cumprimentos ao meu amigo Pali e sua tão prezada esposa Fáni e demais parentes. Deus vos abençoe. – Son-ange van-ange! Bem te ama e respeita até à morte o teu filho László Magyar, tenente de mar e guerra.

(tradução de
István Rákóczi)